

Saberes de Mulheres Quilombolas: Cultura, Resistência e Poder é um livro que valoriza as tradições, lutas e saberes das mulheres quilombolas da Comunidade Caco, em Pindaí-BA. A partir de narrativas e vivências, a obra destaca a resistência, a ancestralidade, a religiosidade, a culinária e as práticas culturais que mantêm viva a identidade quilombola. Fruto de uma pesquisa profunda, este material busca fortalecer a valorização da cultura afro-brasileira e incentivar a preservação das memórias e conhecimentos transmitidos de geração em geração.



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS: CULTURA, RESISTÊNCIA E PODER



LUZIA DA GLÓRIA SOARES

MARIA LÚCIA PORTO SILVA NOGUEIRA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS

FICHA CATALOGRÁFICA



S676s

Soares, Luzia da Glória

Saberes de mulheres quilombolas: cultura, resistência e poder./Luzia da Glória Soares,
Maria Lúcia Porto Silva Nogueira.— Caetité - Ba, 2025.

44p., il., color.

Formato: PDF

Acesso: <https://www.ppgels.uneb.br/teses-dissertacoes/>

Produto Educacional proveniente da Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da
Bahia UNEB, Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade –
PPGELS, 2024.

1. Mulheres negras. 2. Comunidade quilombola. 3. Cultura afro-brasileira. I. Nogueira,
Maria Lúcia Porto Silva. II. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Programa de Pós-
Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade. III. Título.

CDD: 305.896081



Bibliotecária: Vilma de Almeida Santos CRB-5/1439

SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS: CULTURA, RESISTÊNCIA E PODER

LUZIA DA GLÓRIA SOARES
MARIA LÚCIA PORTO SILVA NOGUEIRA

FICHA TÉCNICA



Título: Saberes de mulheres Quilombolas: Cultura, Resistência e Poder

Origem do produto: Trabalho de Dissertação, intitulado; Mulheres Guardiãs de Culturas: Saberes e Fazeres Quilombolas Comunidade Caco Pindaí-Bahia

Área do Conhecimento: Ensino.

Público-Alvo: As comunidades Quilombolas, Docentes e discentes da Educação Básica

Categoria deste Produto: Livro intitulado, “Saberes de mulheres Quilombolas: Cultura, Resistência e Poder” com informações para as Comunidades Quilombolas e docentes da Educação Básica.

Finalidade: Contribuir com as discussões sobre os valores culturais nas Comunidades remanescentes Quilombolas

Organização do Produto: Vinício Couto Designer

Divulgação: Site do PPGELS: <https://www.ppgels.uneb.br/teses-dissertacoes/>.

Idioma: Português

Cidade/Estado: Caetité/Bahia

País: Brasil

Ano: 2025



Estimados/as Leitores/as

Este livro é um produto Educacional, obra procedida da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS tem como Título “Mulheres Guardiãs de Culturas: Saberes e Fazeres Quilombolas Comunidade Caco Pindaí Bahia”. Esta ferramenta expõe conhecimentos a respeito de culturas, saberes e tradições de mulheres remanescente de quilombo da Comunidade Caco. Espera-se que o material sirva como um meio de divulgação das expressões culturais, educativas e cotidianas das comunidades quilombolas e possa contribuir para o conhecimento e valorização das culturas quilombolas, revigorando os saberes ancestrais.

Boa leitura

Autora: Luzia da Glória Soares



Autora: Maria Lúcia Porto Silva Nogueira



Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS/Campus VI/UNEB. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia UNEB Campus XII. Especialista em Biologia pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF), Graduação em Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, Especialização em Didática e Metodologia do Ensino superior pela Faculdade de Guanambi (UNIFG), em Ciências Biológicas pela Faculdade Cidade de Guanhães (FACIG), em Práticas Pedagógicas pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Polo de Porteirinha/MG. Professora dos anos finais do Ensino Fundamental no município de Pindaí - BA.



Professora Emérita da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI DCH/Caetité, Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia. Aposentada como professora de História do Ensino Fundamental e Médio. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa História das Mulheres, Gênero e Literaturas (CNPq). Pesquisadora do Grupo de Estudos, Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL/CNPq). Autora dos livros: Mulheres, História e Literatura em João Gumes - Alto Sertão da Bahia, 1897-1930 (2015) e Mulheres baianas em tessituras de memórias e ficções (2020).

DEDICATÓRIA

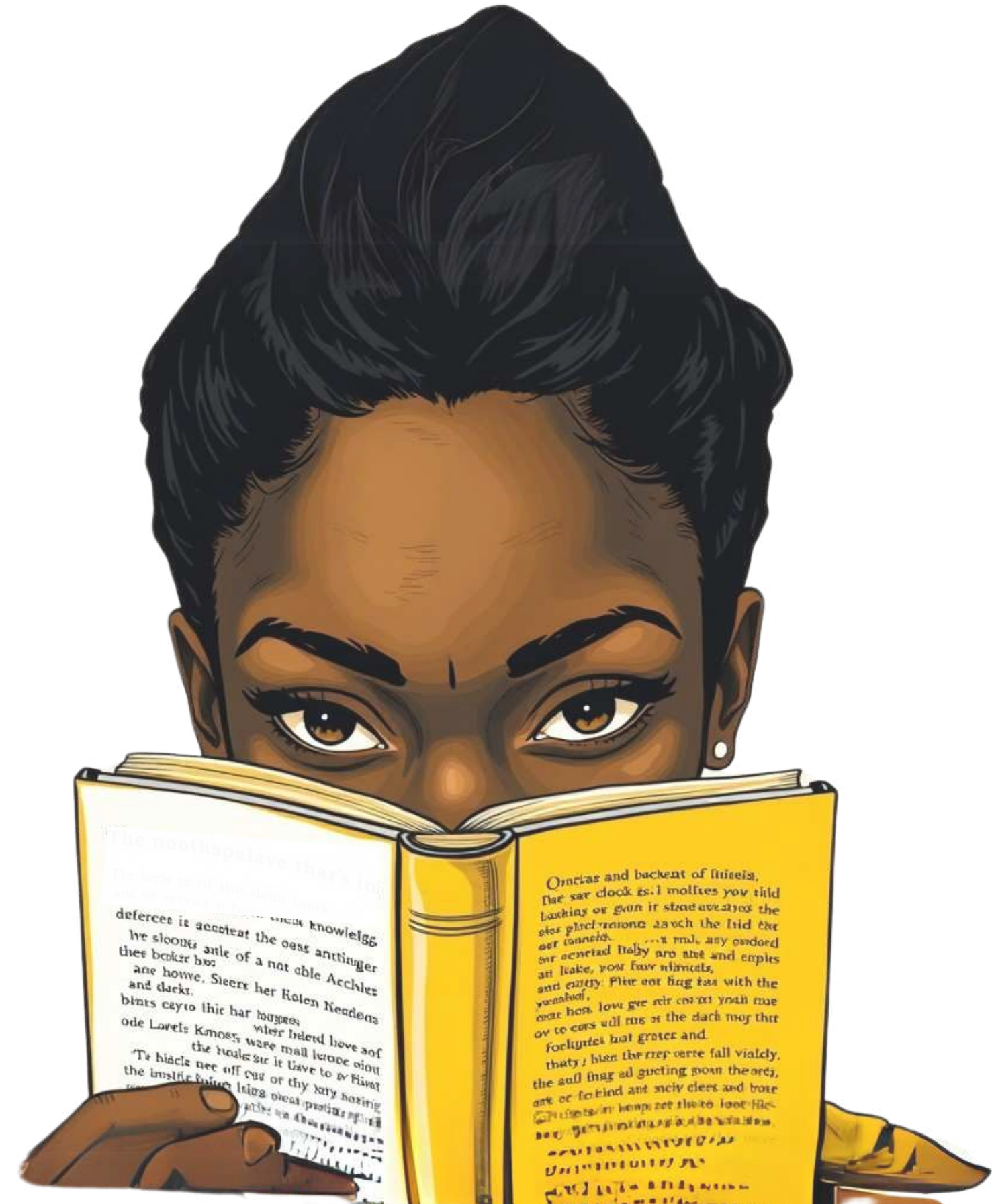


Às mulheres da Comunidade Quilombola Caco, em especial as que participaram diretamente desta pesquisa e lutam pela visibilidade e o reconhecimento de suas histórias, de suas raízes, e pelas conquistas dos saberes e fazeres das tradições culturais.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
O QUILOMBO	15
• Saber mais	16
• Informações interessantes!	17
A RESISTÊNCIA DAS REMANESCENTES DE QUILOMBO	19
• Comunidades Remanescentes De Quilombo	20
• Informações	21
• Localização do Quilombo Caco	21
A ANCESTRALIDADE	23
• As Tradições Culturais: Saberes e Fazeres de Mulheres Quilombolas	25
• Práticas culturais dos/das remanescentes quilombolas	25
• Práticas artesanais das remanescentes de Quilombo	27

A CULINÁRIA	29
SABERES DA MEDICINA NATURAL	33
A PRÁTICA DA RELIGIOSIDADE	37



APRESENTAÇÃO

Este produto nasce da dissertação de mestrado e das narrativas das mulheres remanescentes de Quilombo da Comunidade Quilombola Caco. Intitulado "Saberes de Mulheres Quilombolas: Cultura, Resistência e Poder", ele foi elaborado a partir de visitas e conversas diretas com as colaboradoras e entrevistadas. Por meio da oralidade, foi possível buscar as memórias, compartilhar histórias e reafirmar

tradições, fortalecendo a identidade e a História da comunidade. Além disso, a leitura de diversas obras de autoras e autores que abordam a cultura quilombola contribuiu significativamente para o aprofundamento da investigação. O produto tem como finalidade refletir, divulgar e valorizar os saberes e fazeres das mulheres na comunidade, evidenciando suas resistências e protagonismo.

Figuras geradas por QWEN 2.5 - Max.



Alicerçadas por esse conjunto de informações elaboramos o produto educacional que apresenta as histórias, saberes e fazeres das mulheres remanescentes de quilombo. Seu principal objetivo é dar visibilidade à comunidade Caco, promovendo e valorizando as práticas culturais. Assim, reunindo as narrativas das mulheres participantes da pesquisa, o produto Educacional servirá como um meio de divulgação das expressões culturais e educativas do cotidiano da comunidade. Ainda, mostrar os afazeres culturais, as técnicas e saberes das mulheres, procurando destacar a importância e a valorização da cultura do Quilombo Caco.

É interessante salientar, que o produto Educacional é uma ferramenta que contém informações indicando caminhos a serem andados e explorados. Pois “refletir sobre a cultura negra é considerar as lógicas simbólicas construídas ao longo da história por um grupo sociocultural específico” Gomes (2003, p. 78)

Vale reforçar que a educação Escolar Quilombola contribui expressivamente para a construção das identidades étnicas, das/dos quilombolas e colabora com o desenvolvimento dos saberes e fazeres, fortalecendo a cultura e as práticas quilombolas das mulheres na comunidade. A afinidade entre educação e cultura é essencial nas sociedades humanas, pois envolve o ensinar e aprender na magnitude da

história social (Gusmão 2010). Que este material sirva como fonte de informação e incentivo para a preservação da memória das comunidades Quilombolas.



O QUILOMBO

Munanga (1996) apresenta uma visão rica e diversificada do quilombo como instituição transcultural, destacando sua base inclusiva e as influências de diferentes culturas africanas que designam suas atividades culturais. O autor classifica quilombo como resultado de uma história de longas datas, que envolviam regiões e povos de diferentes línguas e nacionalidades, comunidades que lutavam constantemente resistindo ao sistema opressor. O Quilombo brasileiro considerado por ele, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para resistir a uma estrutura escravocrata e inserir uma organização política na qual se encontraram todos os oprimidos.



SABER MAIS:

- Os quilombos não eram apenas refúgios de escravizados fugidos, mas verdadeiras formas de resistência e reexistência, com estruturas sociais, econômicas e culturais próprias. (Munanga, 1995/1996).
- Os quilombos continuam sendo espaços de luta por direitos, especialmente no contexto da demarcação de terras quilombolas no Brasil contemporâneo (Munanga, 2005).

Fontes para leituras:

- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. São Paulo: Revista USP, 28, dezembro/fevereiro 95/96.
- MUNANGA, Kabengele . (org.) Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação. SECAD, 2005. p. 21-37.

O meu pai era considerado um escravo, ele só vivia trabalhando e as pessoas não davam valor no serviço dele, trabalhou como escravo. O negro não tinha vez e não era respeitado. Ele falava pra nós tem de trabalhar e respeitar as pessoas, porque alguém pode falar “fulano é “negro”, mas, o importante é que, é bem educado”. Hoje eu falo com meus filhos que respeitem os outros porque hoje o negro tem vez. Antes, a gente só trabalhava, não tinha vez, não era respeitado. Era só trabalhando na roça para outras pessoas e tinha semana que não ganhava nada. Hoje eu falo tenho orgulho de ser Quilombola porque o negro hoje tem vez. Eu bato no peito e falo: sou negra, sou Quilombola. (Informação verbal de uma das mulheres quilombolas entrevistadas)

INFORMAÇÕES INTERESSANTES!

As mulheres eram presenças fortes e figuras constantes na história dos grupos de quilombo, (Bell Hooks, 1981), elas representavam ideia de esforço, de referência e de luta no desenvolvimento das Comunidades Quilombolas. Além disso, elas tinham/têm papel fundamental nos quilombos e múltiplas funções dentro das comunidades de resistência.

(Gomes, 2015) afirma que as mulheres quilombolas não eram apenas coadjuvantes, mas agentes essenciais na resistência e na manutenção das comunidades. Elas atuavam na produção artesanal de utensílios e mesmo no enfrentamento diante das tropas escravistas, na segurança alimentar, na espiritualidade e na estrutura familiar dos quilombos.



A RESISTÊNCIA DOS REMANESCENTES DE QUILOMBO



A resistência dos negros escravizados de acordo Reis (1996), não se limitava apenas às fugas e revoltas, mas incluía também estratégias como a negociação de melhores condições de trabalho, o uso da religião e da cultura africana como formas de afirmação identitária e a formação de quilombos. Destaca a diversidade e complexidade das lutas dos escravizados contra o sistema escravista, o autor contrapõe a visão tradicional que retratava os escravizados como passivos e evidencia que a resistência ia além das fugas e revoltas abertas, englobando práticas cotidianas, culturais e religiosas. Essas formas de resistência não eram apenas atos isolados, mas estratégias organizadas que demonstravam consciência política e desejo de liberdade.

Na movimentação determinante, de forma profunda e complexa, Hooks (1981) emergia a resistência das mulheres negras, a sua luta contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe. Ela enfatiza como as mulheres negras historicamente resistiram à opressão por meio da autonomia, da criação de comunidades solidárias e do uso da voz como ferramenta de enfrentamento, pela preservação da cultura e dos laços comunitários. Hooks (1981) enxerga a resistência das mulheres negras como um processo contínuo de afirmação, aprendizado e enfrentamento das estruturas opressivas.

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBO

De acordo o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, em concordância ao Artigo 20, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Portanto a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos é autodefinição da própria comunidade.

MAIS INFORMAÇÕES:

A Fundação Cultural Palmares (FCP) é um Órgão do governo fundado através da Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988, vinculado ao Ministério da Cidadania, é voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

Fonte de leitura: BRASIL. Fundação Cultural dos Palmares. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/CCERTID%C3%95Esexpedidas-%C3%80S-Comunidades-Remanescentes-de-Quilombos-25-04-2017.pdf>. Acesso em 18 de outubro 2023.

LOCALIZAÇÃO DO QUILOMBO CACO:

O Quilombo Caco está localizado na área Rural ao Oeste do Município de Pindaí, na Bahia. Pertence à comunidade Quilombola que teve a certificação por nome de “Quilombo Caco, Vargem do Rancho e Taboa II” que tem a distância em torno de 14 km entre a sede do município e a comunidade. Na Comunidade tem a Associação dos Trabalhadores Rurais Quilombolas, Comunidade Vargem do Rancho e Sitio Capivara. A Comunidade foi certificada e reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde 2017 (Brasil 2017), como remanescentes de quilombo, sendo até a data de sua certificação a segunda comunidade certificada no município, depois da comunidade Quilombola Boi, no ano de 2011 (Brasil, 2017).

Quando a gente foi fundar essa associação sofremos preconceitos dos próprios negos, eles não queriam a associação como quilombola. O prefeito da época pediu para fazer a associação aqui, por causa dos negos que tem origem dos antigos, E tem mesmo. Naquele tempo nós tínhamos a associação dos produtores rurais e o presidente não aceitava mudar o nome para Quilombola. Anos depois entrou outra gestão na prefeitura e outro presidente na associação, esse era negro. Aí veio uma equipe de técnicos da prefeitura conversou com o presidente fez a proposta da reunião e convidou o povo

para ouvir as conversas vieram todos da comunidade e também as autoridades. O grupo ficou dividido alguns negros esclareceram ser contra o projeto de mudanças. Mas naquele dia a Associação já ficou sendo como quilombola. (Informação verbal de uma das mulheres entrevistadas).



A ANCESTRALIDADE



Para Santana, (2022), na concepção negra africana, as genealogias da ancestralidade, ou ascendência familiar, a etnia são aderências de todos que fizeram e fazem histórias e conseguem mantê-la viva, através das manifestações e das tradições habituais da população negra. A memória e a preservação da tradição aprendida daqueles e daquelas que vieram primeiro, tornam-se guardiãs de fundamentos e se colocam ativas quando são passadas para os mais novos, filhas, netas e toda comunidade, garantindo o que foi aprendido com os ancestrais. A preservação dos laços familiares é um valor transmitido pelos pais, que dedicam suas vidas ao cuidado com os seus descendentes e à comunidade.

Quando eu nasci já tinha o festejo de Santo Antônio, que era da minha bisavó, mãe de minha avó, que festejava todo ano, que passou para minha avó, que passou pra minhas tias. Quando minhas tias tomaram conta da festa já não era mais como antes. O movimento estava muito fraco. Diferente daquela época que tinha muita comida, leilão e reisados, estes vinham de fora porque aqui não tinha os foliões para cantar o Reis. Depois que minhas tias morreram a minha irmã e outras pessoas da comunidade ficaram cuidando, depois disso enfraqueceu mais ainda e eles deixaram de celebrar os cultos, não tem mais o festejo. Essa comunidade é de muitos e muitos anos. Agora foi renovada com Associação. A igreja Católica está fechada (informação verbal de uma das mulheres entrevistadas)

AS TRADIÇÕES CULTURAIS: SABERES E FAZERES DE MULHERES QUILOMBOLAS

A união dos povos remanescentes de quilombo tem procurado se fortalecer pela afinidade, com a convivência entre parentes de laços sanguíneos. Trata-se de uma linhagem familiar, formada pela solidariedade, respeito, religiosidade, elos para viverem suas histórias, culturas e tradições dos seus antepassados. Para Santana (2022) a cultura transcende o aspecto material e revela as camadas profundas das relações humanas, da memória coletiva e dos valores compartilhados. Cada manifestação cultural, seja uma dança, uma história ou um ritual, é um convite à compreensão da riqueza humana em sua pluralidade. Preservar e valorizar a cultura, não é apenas reconhecer as raízes que nos moldam, mas também abrir espaço para a constante transformação que nos impulsiona a evoluir como sociedade.

AS TRADIÇÕES CULTURAIS: SABERES E FAZERES DE MULHERES QUILOMBOLAS

Nas comunidades quilombolas as práticas culturais são variadas, destacando-se aquelas que, de maneira especial, perduram por uma longevidade expressiva e continuam vivas no inconsciente coletivo. Trinchão e Pacheco, (2017) explicam, a cultura é como um reflexo que revela as transformações e a essência de cada época, ela funciona como um espelho que traduz o que foi vivido em todo momento histórico e é sempre moldada e transformada pelo tempo, enquanto o tempo, sempre em movimento, se torna sensível por meio da cultura, transmitindo marcas que podem ser descobertas e interpretadas por meio das expressões culturais que funcionam como um reflexo material das vivências humanas.

A semana da Consciência negra é preparada com várias atividades culturais, as danças, apresentações culinárias e teatrais, dentre outras, com finalidade de fortalecer a resistência negra no ambiente onde elas vivem. Assim se expressa Maragarida:

As comemorações ao dia da Consciência Negra começaram acontecer depois do reconhecimento da comunidade Quilombola. Além de comemorarmos o dia da Consciência negra, fazemos muitas coisas da nossa cultura como: a feijoada, o cuscuz, a paçoca de amendoim, o bolo de fubá e de polvilho, milho cozido e dentre outras variedades da culinária. Tem apresentações de danças. Tudo muito simples, mas não passa a semana da Consciência Negra sem lembrarmos as nossas tradições. As comidas que a gente faz no dia da comemoração são compartilhadas com o povo presente e quando for dia de festa como no São João vendemos as comidas típicas para ajudar nas despesas e manutenção da associação Quilombola. (Informação verbal de uma das mulheres entrevistadas).

As culturas reinventadas e atualizadas na comunidade Quilombola de Caco são os encontros e passeios de cavalos e cavaleiros, as festa dançantes, a corrida de argolinha e as festas juninas. Estes eventos estão fazendo parte da diversidade cultural da localidade, com o apoio de todas as comunidades. Reatualizam e vivenciam o reisado e as rezas da igrejinha.

A fotografia mostra a fachada dos preparativos para a corrida de argolinha realizada na comunidade quilombola Tabua II adjacente ao Quilombo Caco.

Fotografia 5: Corrida de Argolinha: Fachada e anúncio do evento



Corrida de argolinha é uma competição tradicional que reúne cavaleiros, amazonas e vaqueiros para a festa. Em um circuito estreito, os participantes procuram capturar uma pequena argola fixada no alto do trajeto com a ponta de uma lança demonstrando habilidade e precisão. Os três melhores colocados são premiados, recebendo troféus ou prêmios. É um evento competitivo de convivência comunitária e oferece momentos de lazer, com danças de forró e outras atividades culturais com “característica de organizar a interação entre os indivíduos” (Barth 2011, p.10-11)

Acontecem as festas juninas no Quilombo Caco e são marcadas por festejos durante o mês de junho, caracterizadas por comidas típicas, muitas delas à base de milho, amendoim, caldo de frango, canjica, quentão dentre outras comidas típicas do São João. A festa possui dança típica, como a quadrilha, o forró e são decoradas com bandeirolas.

PRÁTICAS ARTESANAIS DAS REMANESCENTES DE QUILOMBO

O artesanato é a forma importante de representação da identidade das comunidades tradicionais, pois, através desses bens culturais como a história, as culturas, tradições, marco histórico, a culinária, a religião, as crenças são os valores coletivos destas comunidades, intensamente representados e consistem em fonte de renda, até porque, o artesanato faz a diferença cultural das artesãs (Mello, 2016).



Fotografia 8: Artesanatos produzidos pelas artesãs do Quilombo Caco



Fonte: <https://www.instagram.com/comunidadequillomboladecaco123?igsh=bG4xMGp5ZXRqMmMo>

As fotografias A e B representam as exposições dos produtos confeccionados e produzidos pelas artesãs da comunidade Caco. Nas suas produções são usadas linhas de crochê, linhas de lãs e agulhas específicas para confeccionar as peças construídas e fabricadas pelas artesãs, manualmente. São produtos de uso próprio e também levados para serem comercializados nas feirinhas da agricultura familiar. A imagem B ilustra os quadros pintados em telas, eles representam as vivências dos quilombolas, como as colchas de retalhos, os bolinhos, tudo confeccionados pelas remanescentes quilombolas.

A CULINÁRIA



A culinária é um saber que está ligado aos saberes que estão presos aos costumes das mulheres da Comunidade desde as festas e rezas realizadas no quilombo pelos ancestrais. As tradições tem uma história que perpassa gerações e está sendo vivenciada na comunidade pelas mulheres quilombolas. Costumes evidenciados depois do reconhecimento do território, elas preparam a culinária coletivamente na cantina da associação para comemorar a semana da consciência Negra.

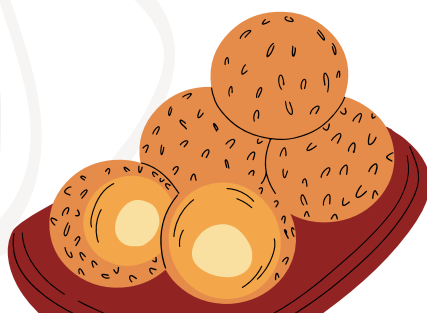
Fotografia 6: Culinária típica do Quilombo Caco



Fonte: <https://www.instagram.com/comunidadequillomboladecaco123?igsh=bG4xMGp5ZXRqMmMo>

A fotografia representada pelas letras A, B, C e D está retratando a culinária típica dos quilombolas. Letra A apresenta bolos de milho, a rapadura, o cuscuz, B milho cozido, C feijão farofado com toucinho e farinha de mandioca e, canjica, D a feijoada preparada com vários ingredientes, carnes bovinas, pernil de porco dentre outros. As mulheres costumam fazer o caldo de frango, chás de ervas colhidas dos quintais e outras comidas da cultura-afro.

O reconhecimento como quilombola auxilia as mulheres assumirem o lugar de luta e tomar consciência de si, reconhecer o respeito às diferenças e entender o relevante papel que elas têm na construção do lugar ao qual pertencem. A figura abaixo caracteriza os chás organizados coletivamente pelas mulheres em eventos de informações sociais



Fotografia 7: Chás das mulheres quilombolas de Caco



Fonte: <https://www.instagram.com/comunidadequillomboladecaco123?igsh=bG4xMGp5ZXRqMmMo>

As Figuras A, B, C e D estão representando os Chás acompanhados de bolos e doces, feitos pelas mulheres da comunidade quilombolas Caco. Estes chás são eventos realizados na Comunidade, onde as mulheres se reúnem para dialogar e trocar ideias com profissionais que contribuem nas informações sobre o bem estar psicológico/saúde, educacional, e cultural Quilombolas. Nesse momento informativo são compartilhados os saberes e fazeres das mulheres. Na finalização do evento acontece a confraternização e degustação dos chás caseiros, bolos e doces representados na foto D.



SABERES DA MEDICINA NATURAL

Os saberes e práticas da medicina natural extraídos das plantas medicinais são costumes da ancestralidade que tem perdurado por todas as gerações reconstruindo o conhecimento e o que é falado persiste até os dias atuais.

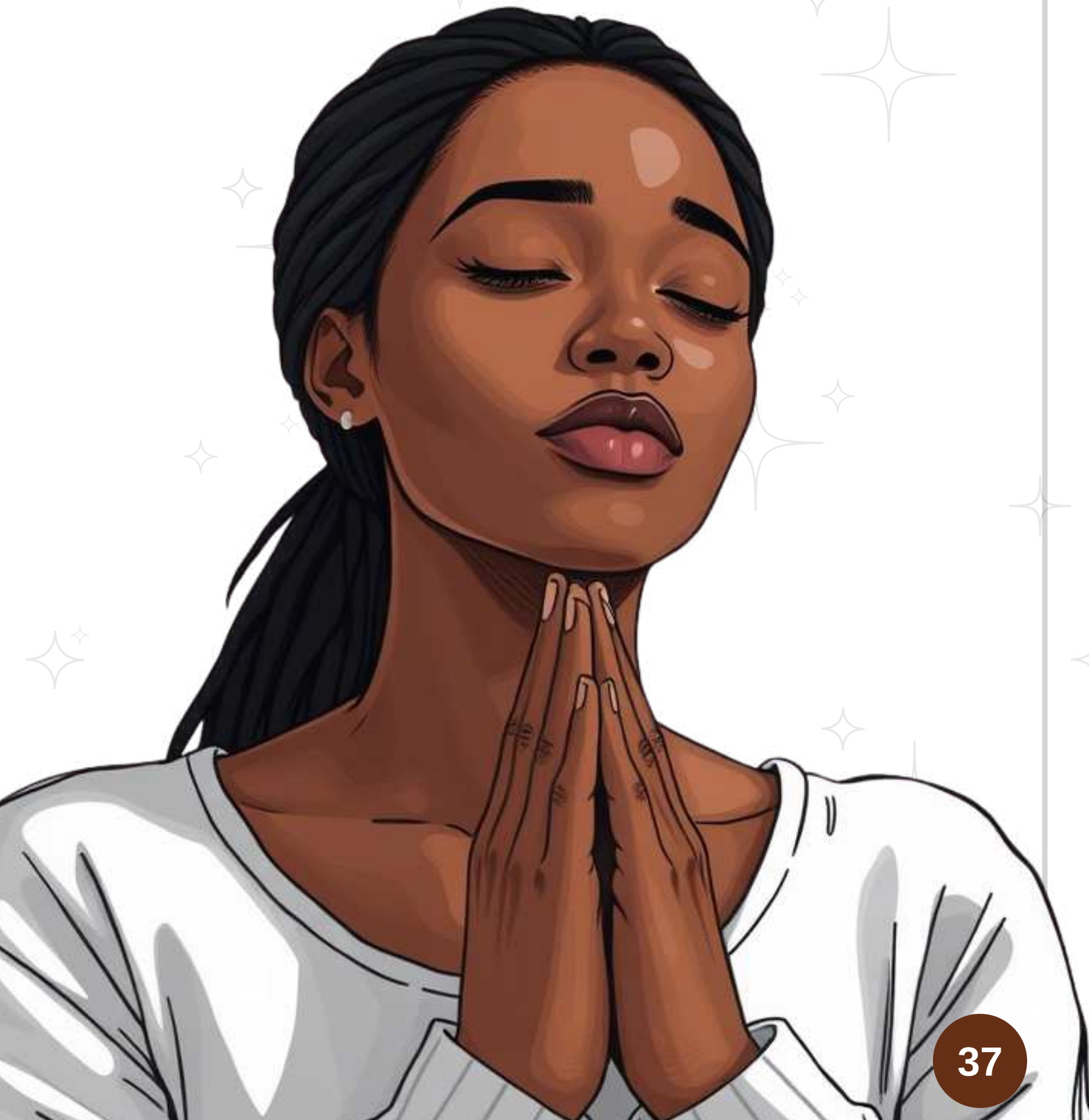


Nas visitas às casas das entrevistadas moradoras da comunidade Caco, elas disseram recorrer e utilizar, plantas naturais, chás e xaropes. Foi possível observar a pouca quantidade de plantas pela escassez de água na comunidade, mas elas afirmaram ter algumas em seus quintais que resistem à seca sendo regadas com pouca água; na época das chuvas a quantidade aumenta e elas fazem uso do mastruz, capim santo, boldo, alfavaca, erva cidreira dentre outras riquezas encontradas em alguns quintais. O quadro a seguir está representando os nomes das plantas e suas finalidades informações repassadas pelas mulheres que disseram ter aprendido de suas avós, tias e mães.

<p>O mastruz serve para tratar a gripe, vermes intestinais, melhorar a digestão, aliviar dores e combater inflamações.</p> 	<p>O capim santo trata a ansiedade, insônia, hipertensão e problemas digestivos.</p> 	<p>O boldo pode ajudar a aliviar problemas digestivos, como indigestão, dor de estômago e sensação de estômago pesado.</p> 	<p>A erva-cidreira serve para ansiedade e o estresse, para dormir, para gripe, resfriado e dores de cabeça.</p> 
--	---	---	---

As mulheres por serem as maiores responsáveis pela transmissão cultural são as principais protagonistas no processo de comunicação do conhecimento através da religiosidade, das raízes medicinais, nos benzimentos e também na formação de lideranças das comunidades de quilombos (Dealdina 2020).

A PRÁTICA DA RELIGIOSIDADE



A religiosidade da comunidade Caco está representada pela religião católica e evangélica, mas as crenças e raízes históricas existem e são percebidas nas apresentações das mulheres nos eventos realizados pela comunidade. Nas entrevistas ficou explícito nas falas das mulheres a vontade em vivenciar a religiosidade dos ancestrais.

Antes a comunidade não era registrada, em 1988, passou a ser CEB- Comunidade Eclesial de Base de Tabua II, a partir desse tempo rezou missas e celebrou cultos nos domingos. O Padre perguntou qual o Santo de devoção era cultuado pelo povo da ancestralidade afirmamos ser Santo Antônio e ficou sendo o padroeiro. Tempos depois a comunidade lutou para construir a igreja e permaneceu com as atividades por alguns anos. Depois foi fechada, porque ficaram poucos dirigentes responsáveis para resolver as tarefas necessárias para a igreja continuar funcionando. Depois os dirigentes foram saindo e mudaram para outros lugares, as pessoas que permaneceram estavam com dificuldades de participar e manter os compromissos de rezar o culto e as novenas. Diminuiu a presença dos fiéis, não apareceu animador para continuar com os encontros, a igreja foi fechada. Mas eu tenho fé, nós vamos lutar para abrir a igreja e continuar cultuando nossa fé Católica. (Informação verbal de uma das mulheres entrevistadas).

Nesta conversa Margarida conta como foi fechada a igreja da comunidade, mas manifesta suas emoções e admirações pela igreja católica e também a esperança de reabri-la e continuar com as devoções do povo que são devotos a Santo Antônio. A igreja funcionava aos domingos, reunia a comunidade para a celebração litúrgica da palavra e os louvores aos santos devotos. “Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, nos ‘primórdios’” (Eliade, 2008, pp. 63-64).

É importante dizer que a Educação oferece às comunidades tradicionais maiores reconhecimentos de suas culturas. Portanto, as Diretrizes Curriculares para Educação Escolar Quilombolas, Resolução nº 8/ CNE/CEB/2012 institui a obrigatoriedade para atender as especificidades das comunidades tradicionais, pois é uma modalidade de ensino que valoriza e integra saberes e conhecimentos, fortalecendo a cultura e as práticas quilombolas (Gomes, 2017).

A Lei nº 10.639/03 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, evidenciam a diferença colonial como um caminho para rupturas epistemológicas, possibilitando a construção de reexistências (Mignolo, 2003; Walsh, 2019).



Caros Leitores (as);

Esperamos que este livro possa contribuir para a reflexão sobre o conhecimento e a valorização da cultura Afro-brasileira, auxiliando as mulheres quilombolas na construção de saberes e fazeres de novas práticas culturais e educativas apresentadas neste Produto Educacional e, possa transcorrer de gerações em geração, desenvolvendo a integração e a socialização entre os quilombolas, facilitando a troca de experiências e a construção da identidade cultural das mulheres da Comunidade Quilombola Caco, Pindaí-Bahia.



REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Lídia Pereira de. Os frutos das aroeiras: saberes e fazeres culturais de mulheres quilombolas /. - Caetité, 2024. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, Campus VI. 2024.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. IN: POUTIGNAT, Philippe e STREIFFENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo, Unesp, 2011.

BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. IN: POUTIGNAT, Philippe e STREIFFENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo, Unesp, 2011.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 25 jan. 2021.

BRASIL. Fundação Cultural dos Palmares. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/CCERTID%C3%95Esexpedidas-%C3%80S-ComunidadesRemanescentes-de-Quilombos-25-04-2017.pdf>. Acesso em 18 de outubro.

DEALDINA, Selma dos Santos (Org.). Mulheres quilombolas: Territórios de existências negras femininas. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020 p. 168.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes: 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GOMES Nilma Lino. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação. 2003

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Por uma Antropologia da Educação no Brasil. Pro Posições, Campinas, v. 21, n. 2 (62), p. 259-265, maio/ago. 2010.

HOOKS, bell. Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

MELLO, Carolina Iuva de. Território feito a mão: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul. Santa Maria, RS: [tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, 2016, p.233.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. São Paulo. Revista USP, 1996.

REIS, João José; GOMES Flávio dos Santos (org.). Liberdade por um fio: História dos Quilombos do Brasil - São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa; PACHECO, LÍlian Miranda Bastos. Tempo, cultura, linguagem: reflexões sobre área do conhecimento do desenho e algumas implicações. EDUFBA, 2017.

SANTANA, Marise de. Narrativas ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia / Organizadores Luzi Borges, Marise de Santana, Washington Nascimento. - Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022.